

HISTÓRIA LOCAL: OLHO, MAS NÃO VEJO. IPOJUCA E SEU PATRIMÔNIO HISTÓRICO - UMA DESCOBERTA A SER VIVENCIADA ATRAVÉS DE UMA AULA EXTRACLASSE

José Walmilson do Rêgo Barros¹

RESUMO

O presente texto tem como tema a história local e seu estudo por meio da metodologia da educação patrimonial. Tendo como objetivo central possibilitar situações didáticas que direcionem o olhar e o ver dos estudantes para a valorização e problematização dos espaços de memória no município de Ipojuca. Para seu desenvolvimento e aplicação foi planejada e executada uma aula extraclasse tendo como alvo a Igreja e Convento de Santo Antônio, elementos arquitetônicos do município de Ipojuca datado do século XVI. O estudo aponta para a mudança na percepção dos estudantes acerca da compreensão dos espaços de memória como lugares de disputas.

Palavras-chave: História local, Educação patrimonial, Ensino de história, Ipojuca.

INTRODUÇÃO

Os espaços considerados patrimônio cultural do Brasil muitas das vezes são desconsiderados pelos nativos supostamente pelo desconhecimento da importância daquele lugar de memória presente, são espaços que denotam ser na visão dos ‘passantes’ um lugar morto, sem vida, olho, mas não vejo, não sinto, não percebo a importância daquele patrimônio. A ideia de fazer uma aula extraclasse ao convento e igreja de Santoⁱ Antônio no município de Ipojuca teve como primeiro objetivo desmistificar o espaço como um lugar sem vida, queremos dizer com isso abrir o leque de possibilidade dos estudantes que porventura viessem a participar dessa aula poderem ter uma visão ampliada do espaço, conceber um templo católico e suas características próprias, aproximar um patrimônio cultural desse porte da compreensão à valorização cultural.

Neste sentido, no presente trabalho pretende-se discutir o conceito de educação patrimonial no ensino de história e fornecer subsídios para a implementação de ações de reconhecimento do Patrimônio Cultural no município de Ipojuca, Pernambuco, cidade rica em prédios históricos e manifestações culturais que vem se perdendo através dos tempos pelo desconhecimento e por falta de políticas públicas que evidenciem esses espaços de memória no

¹ Professor da Rede Municipal de educação da cidade de Ipojuca - PE, walmilsonbarros@gmail.com (83) 3322.3222

município. Desta forma, como metodologia, a pretensão foi de desenvolver uma ação pedagógica com alunos de 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental de uma escola da rede municipal.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado em cinco etapas dentro da perspectiva da educação patrimonial com meio de se estudar e problematizar o ensino de história. No primeiro momento os professores escolheram o espaço a ser trabalhado e *in loco* foram realizadas as primeiras incursões. No segundo momento foi preparado o plano de aula com o material colhido e as estratégias escolhidas para serem abordadas no ato da visita. Terceiro momento aplicação da aula preparatória para os estudantes visitarem o campo de aula com alguns conhecimentos prévios do que eles poderiam explorar no espaço. No quarto e imprescindível momento a ida a campo e a exploração do espaço entre professores e estudantes. No retorno a escola e último momento avaliação e debate sobre as aprendizagens possíveis.

A metodologia específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, como em nosso caso uma igreja e convento. Mesmo em apenas um monumento podemos analisar os aspectos construtivos e materiais, a área de entorno, o interior, o aspecto decorativo, o mobiliário, os habitantes ou usuários, as transformações ocorridas no tempo. Cada um desses aspectos oferece uma infinidade de enfoques a abordar (HORTA et al, 1999, p. 8).

Na perspectiva da educação patrimonial cada turma envolvida na aula pode se expressar ao seu modo com exposição fotográfica, desenhos, relatos da experiência, seminário, a ideia do momento avaliativo foi ampliar ao máximo o leque de possibilidades para que cada grupo de trabalho realizasse sua atividade com o maior prazer possível.

DESENVOLVIMENTO

Pensar e repensar o ensino de história requer um trabalho constante. A compreensão do jogo dos silenciamentos de memória não vai acontecer com a mera visita, requer por parte do docente problematizar a questão. Cabe ao ensino de História possibilitar ao educando reflexões sobre o presente e o passado de forma que ele possa questionar e construir seu posicionamento. Uma aula extraclasse pensada pedagogicamente indo além dos objetivos conceituais pode

colaborar no processo de identificação e pertencimento local dos estudantes, não de uma forma romantizada e sim, problematizada, das diversas narrativas vividas naquele espaço em estudo.

Nesse sentido, uma aula que problematize alguns dos elementos chave do que é patrimônio, das relações de poder estabelecidas naqueles espaços, as possíveis utilizações da comunidade para a valorização mais também analisar os embates de memória presentes naquele lugar são possíveis caminhos para consecução da aula como mecanismo de problematizar o ensino de história *in loco*, sendo assim questões norteadoras.

Para lograr êxito seguimos algumas etapas da elaboração a execução do contato direto estudantes com o patrimônio cultural em análise. Para além da mera relação conhecer para preservar a aula extraclasse teve por objetivo fim tencionar os espaços de memória e os possíveis silenciamentos existentes nesses espaços como afirmam Azevedo e Trindade

Os museus, assim como outros espaços de preservação da memória, são potencialmente ricos para a realização de trabalhos temáticos relacionados com a educação patrimonial. Entretanto, é importante fugir da tradicional “conscientização para a preservação do patrimônio” e possibilitar aos alunos e educadores identificar tensões envolvidas nas escolhas e nos silenciamentos existentes nesses espaços (AZEVEDO E TRINDADE, 2014, p. 134).

O patrimônio pode ser compreendido de várias maneiras, para o ensino de história eles são fontes e documentos, assim como suportes de memórias aos quais os estudantes quando em contato precisam saber lidar com todo esse material para a produção de seu conhecimento histórico. Mais do que responder a perguntas, nesses espaços os estudantes devem ser levados a construir perguntas, deixá-los com a curiosidade mais aguçada para, a partir daquele contato possam fazer pesquisas, gerem neles um princípio e fim de aprendizagem contínua. Tendo o patrimônio com fonte e documento, lugar de memória e ou mesmo suporte

O ensino de História, nessa situação, se apropria do Patrimônio Cultural para compreender a relação estabelecida entre os diferentes grupos sociais, as diferentes memórias que são testemunhas de um tempo histórico. O Patrimônio Cultural é resultado de um processo histórico e, sendo assim, traz diferentes impressões sobre o presente e o passado. (BEZERRA, 2016, P. 37)

Aulas de história requerem ser cada vez mais interativa sobretudo na atualidade com a disputa por outras formas de informação dos estudantes como a internet, a educação patrimonial é uma metodologia que pode dar esse viés de interação, de movimento e ação da produção do conhecimento de nossos estudantes, não algo estático e sim dialógico, sendo eles também os protagonistas dessa produção. No guia da educação patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define de forma objetiva essa metodologia

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA et al, 1999, p. 4).

A Educação Patrimonial, aliada ao ensino de História, possibilita uma série de procedimentos na prática docente, rompendo com a situação de inércia, permitindo tanto aos professores quanto aos educandos uma participação mais ativa nos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que os educandos passam a produzir conhecimento e o professor tem a possibilidade de problematizar o conteúdo do livro didático gerando assim um maior significado aos conteúdos propostos (BEZERRA, 2016, p. 45).

Patrimônio histórico: o que é?

Patrimônio histórico geralmente é associado a prédios, construções, algo que seja visível, um bem material, porém a definição mais ampla segundo o IPHAN é compreendermos como tudo aquilo que expressa a produção intelectual e emocional da humanidade, podendo ser uma brincadeira, uma música, um modo de se vestir, o patrimônio cultural é um conceito amplo que no cotidiano escolar deve ser estendido ao máximo possível para que os estudantes possam compreender da maneira mais prática possível. Segundo Bezerra

O termo patrimônio, originalmente, faz alusão à herança, bens transmitidos de pai para filho, no qual ainda hoje é comum essa referência, haja vista que, quando nos referimos a patrimônio, sempre nos vem à mente sua conotação econômica, pois seu uso como bem cultural é relativamente recente (2016, P. 33)

Como nossos estudantes estão na adolescência, tendo em vista nosso público alvo da ação pedagógica com alunos de 6º, 7º, 8º e 9º nonos anos do ensino fundamental esse contato com espaços culturais possibilita o viés de pertencimento de lugar, uma valoração do sentimento de pertencer aquela cultura. Reconhecer o espaço do convento e igreja como elemento da cultura católica na região possibilita instigar a ampliação do processo histórico de nossos estudantes apresentando a diversidade cultural como algo positivo, compreendendo as diferenças culturais como um dos fatores mais ricos de nosso país.

A educação patrimonial apresenta esse viés de reconhecimento, valorização e problematização de um espaço, de um saber de um povo. Uma aula extraclasse como abordada

nesse texto tem esse viés de colocar na prática os elementos da metodologia da educação patrimonial.

O contato direto com um bem cultural pensado pedagogicamente seu uso possibilita mobilizar saberes previamente estabelecidos e o uso desses conceitos e habilidades na prática, assim requerendo a atualização e aprendizado de novos elementos conceituais.

Tendo o monumento em estudo como fonte primária os elementos históricos do seu contexto de produção e as relações sociais e de poder emanadas desse espaço devem ser trabalhadas para não cairmos na mera relação conhecer para valorizar, nesses espaços de memória temos um jogo de poder que deve ser visibilizado na sala de aula, sobretudo quando da ida a campo para assim nossos estudantes possam fazer relações, comparações, análises do objeto em estudo.

A habilidade de interpretar os objetos culturais nos leva a ampliação de visão de mundo que possuímos. No caso específico da igreja e convento visitados inúmeros foram os aspectos abordados, analisados mais a frente nesse texto, dialogando com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Todos os objetos são portadores de significados e nossos estudantes devem aprender a “lê-los”, compreender e analisar os possíveis significados que eles apresentam. Os ex votos, por exemplo, contidos na igreja em estudo representou uma novidade para a maioria dos estudantes, mesmo os católicos. Cada canto, objeto, quadro analisado no espaço teve o viés de aprofundamento e problematização e não a mera ilustração de um conceito, isso se deve ao fato de que espaços como esses servem para instigar o debate e ampliação da capacidade argumentação dos estudantes.

Além de ser um importante aliado na formação da consciência histórica, é indispensável para a sociedade moderna no cultivo ao respeito à pluralidade cultural, isso é interessante quando tive a fala de dois estudantes ao relatarem de forma enfática de que ali estavam cometendo o maior pecado da vida deles, devido ao fato de estarem dentro de um templo católico.

O uso do patrimônio como recurso didático para o ensino de história pode ser significativo por diversos motivos e objetivos didáticos, talvez o maior deles seja esse mesmo de ampliar o horizonte cultural de nossos estudantes para que assim eles possam compreender a diferença não como algo negativo, nesse caso específico uma igreja, a religiosidade católica, mas seja o bem material ou imaterial a valorização desses bens perpassa pela formação desses jovens em conceber a cultura sua e dos outros como relevante no contexto de vida social.

Nesse sentido, dentro do contexto ao qual nos insere a Base Nacional Curricular (BNCC) ao indicar um ensino e aprendizagem globalizante que faça com que nossos estudantes

possam compreender e praticar os aprendizados como podemos destacar na competência geral de número três denominada como a competência de repertório cultural quando os estudantes conseguem valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2017).

História local: olho, mas não vejo

O Brasil é um país de dimensão continental com mais de cinco mil cidades, cada uma delas por menor que sejam apresentam suas histórias, seus monumentos e, a depender do desenvolvimento da região e ou material a maioria delas são esquecidas e silenciadas entre os seus por diversos fatores, entre eles o desconhecimento do valor intrínseco no conhecimento da história local para compreensão das relações de forças estabelecidas em larga escala. Na perspectiva de Souza

a história local no ensino não deverá ser concebida apenas como mais um conteúdo, mas se constituir em estratégia pedagógica, que trate metodologicamente os conteúdos a partir da realidade local. Ela deve ser trabalhada a partir das novas fontes: a identificação das edificações, do traçado das ruas, da memória dos mais antigos, das mudanças do cotidiano urbano. Seu estudo constitui o ponto de partida da aprendizagem histórica, uma vez que permite a abordagem dos contextos mais próximos em que se inserem as relações sociais entre professores, estudantes e o meio (2016, p. 14).

Assim sendo, a vinculação com a educação patrimonial possibilita um outro olhar para os monumentos, as construções históricas das cidades que passam despercebidas pelos estudantes assim como podem ser problematizadas como espaços de memória e esquecimento, um espaço de disputas.

A história local deve ser visibilizada nos currículos, necessitamos cada vez mais diante ao mundo globalizante termos um olhar sensível para esta questão. O ensino de história deve ter um viés contestador, nossos estudantes podem e devem ser colocados em situações didáticas que os levem a questionar o passado, as relações de poder, os lugares de memória, o que é o currículo de história.

No ensino de história tradicional quadripartite ainda se preserva do global ao local, presumimos que tal relação está fora de sintonia com a realidade dos educandos. Mesmo na era da globalização extrema o ensino deve conter sentido, a história local deve ser um caminho

possível para a aprendizagem dos conhecimentos históricos, assim nossos estudantes poderão realizar comparações, análises mais aprofundadas, críticas de forma construtivas isso quando um trabalho realizado de formar sujeitos históricos e cidadãos comprometidos com o bem comum. Barros afirma ser relevante essa contextualização e a relação passado e presente na vida dos estudantes de forma a encaminhá-los a utilização prática do estudo aprendido

O passado é por assim dizer uma construção, uma representação, por ser inacessível de forma prática. Não há uma máquina de tempo que nos permita acessar o passado, essas relações devem ser visibilizadas no cotidiano escolar na batalha de memórias que se tornam histórias. O resultado dessa construção é conhecimento que não significa verdade absoluta, inquestionável. A função do ensino de história é orientar e criar identidades, é descrever, analisar, explicar e dar sentido as coisas, sobretudo problematizar. Nesse sentido, a história oficial e o ensino de história foram construídos como afirmação do Estado, da construção da identidade do Estado-Nação que perdeu de certo modo esta função. A questão que se coloca hoje é: como o currículo de história tem propiciado aos nossos estudantes o entendimento do passado no presente? O quanto o uso do passado nos afeta cotidianamente? (2018, p. 64)

Esta pergunta nos é central no ensino de história e foi um caminho trilhado nesse trabalho quando da realiação da aula extraclasse com o intuito de buscarmos caminhos possíveis para um ensino de história que dê sentido aos fatos, a educação patriominal é um entre tantos outros possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Etapas do processo de concepção da aula extraclasse

Colocar os estudantes fora do espaço escolar requer árduo trabalho de professores, coordenação pedagógica e auxiliares na organização de manejo do trajeto de ida e volta com total segurança, para isso algumas etapas foram e devem ser seguidas. Enquanto professor da disciplina e responsável pela aula tive que fazer o percurso a pé, levando em consideração a possível falta de transporte, mesmo devidamente solicitado aos responsáveis, para poder traçar um caminho mais viável o possível nesse trajeto, esse fator é imprescindível para um desenrolar da aula de forma eficaz, parte do planejamento de alta relevância pensando na segurança e efetivação do momento. Já no espaço é fundamental o contato prévio com os administradores para assim poder ter acesso aos locais onde seriam aprofundados alguns temas no local.

O levantamento de fontes para o planejamento da aula em curso requer um trabalho mais atencioso por parte do professor ao fotografar os elementos que ele julgue importante, entrevistar os trabalhadores daquele monumento, mesmo não sendo especialista eles podem nos indicar informações valiosas para assim podermos buscar outras fontes e certificar do fato, isso

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

quando o mesmo não dispõe de assessoria pedagógica que já realiza tal tarefa. A busca por outras fontes como escrita, visuais e materiais do espaço em análise colabora no momento do ato de planejar o passo a passo da aula vinculado aos objetivos propostos.

Assim sendo, com o levantamento em mãos é hora de dialogar com os alunos os elementos históricos que serão abordados no espaço, a ideia principal é que eles possam chegar ao espaço com um olhar de observador, atentos aos detalhes previamente destacados em sala e *in loco* fazer as considerações e observações pertinentes a partir do que será exposto pelo professor. Dentro da metodologia da educação patrimonial nossos estudantes são convocados a observar, registrar, explorar e se apropriar dos aprendizados produzidos naquele espaço de atuação.

Explorando o patrimônio Igreja e Convento de Santo Antônio

Em nosso caso a Igreja e Convento nos direcionou a inúmeros elementos que esses espaços podiam nos indicar a serem explorados no momento da vivência com os estudantes:

- A igreja e sua nave;
- Na entrada a datação da igreja 1606 e o estudo do cálculo dos séculos e a periodização;
- A influência greco-romana nos arcos e nas bases de sustentação tanto da igreja quanto do convento;
- Os vitrais dispostos na nave;
- O culto católico e suas narrativas: via sacra; pinturas no teto contando a história da igreja em estudo; o altar-mor e os alteres laterais;
- Estrutura arquitetônica de uma igreja colonial;
- Estilo arquitetônico da igreja;
- Igreja construída no alto de um morro;
- Conceito de igreja e convento;
- O claustro;
- Arte sacra e altar menor para os lares;
- Túmulos de padres construídos próximos ao altar;
- A imagem de Nosso Senhor morto e o questionamento: Cristo era branco?
- Os ex votos
- Representações históricas

Aprendizagens possíveis

Antes de irmos a campo os estudantes foram orientados de como se portar num espaço extraclasse e alguns dos elementos que iriam ser explorados no espaço foram apresentados numa ficha resumo lida de forma coletiva. A orientação dada foi de que os estudantes pudessem

filmar, fotografar, gravar a aula e fizessem anotações para posterior trabalho de retorno do campo.

Os tópicos acima apresentados possibilitaram construir uma sequência de conteúdo a ser explorada no espaço com os estudantes. Na chegada eles foram agrupados por turmas, como nosso objetivo era fazer com que aquele patrimônio histórico e artístico fosse conhecido por todos, em nosso planejamento todos os alunos foram contemplados, para tanto requereu um trabalho coletivo de todos os professores de história da unidade de ensino trabalharmos em sistema de parceria.

Primeira observação o lugar de construção da igreja e convento: por que no lugar mais alto da cidade? Já na entrada pode ser observado a data de construção: 1606 e o questionamento: este patrimônio é uma construção de qual século? Qual a idade dele? Quais serão os materiais usados para essa construção durar tanto tempo? Questões essas introdutórias antes mesmo de adentrarmos o espaço aguçando assim a curiosidade dos estudantes. Ainda na entrada foi solicitado aos estudantes que observassem as colunas e arcos na base da arquitetura da igreja, como o público era bem variado entre os 6º, 7º, 8º e 9º e suas diferenças curriculares optamos em apresentar de uma forma geral e o aprofundamento ficou a cargo de cada professor em sala de aula trabalhar com os seus estudantes.

Dentro do templo católico uma pergunta foi realizada como mote inicial para a explanação: quantos dos estudantes já haviam entrado numa igreja católica? A pergunta que não era mera retórica tinha por objetivo identificar os estudantes que concebiam uma igreja daquele porte e sua importância histórica, no município do Ipojuca a relação dentre as igrejas não são muitas amistosas e apresentar a diferença como algo positivo culminou como nossa proposta de aula e alguns estudantes relataram ficar impressionados com a beleza do lugar.

O trabalho de campo realizado as oito mãos, sendo três professores e uma coordenadora de projetos possibilitou a divisão do trabalho no espaço. Num primeiro momento um professor destacou a importância dos patrimônios históricos diferenciando os materiais e imateriais dando alguns exemplos, posteriormente outra professora trabalhou a história do patrimônio em estudo e as narrativas presentes numa igreja católica, no terceiro e último momento os estudantes foram deslocados por turma para o claustro, lá alguns elementos do espaço foram aprofundados.

O formato de construção do claustro foi diferenciado em relação a nave, apresentando o espaço como um lugar de vivência dos religiosos. Nesse em específico tem plantado um parreiral e esse elemento chamou muita a atenção dos estudantes em sua grande maioria não

tinham visto uva plantada. Em uma das salas haviam algumas artes sacras, o grupo foi levado até esse espaço e indagados da possibilidade de fazer tal arte, quais materiais, os significados possíveis de se produzir tais obras. Nele continha também um pequeno altar, nele foi explorado a forma de culto católico vivenciado nas casas desde o período colonial, foi destacado também como essa forma de culto permanece até os dias atuais nos altares das casas e até mesmo nas construções onde existem as ‘casas dos santos’ na entrada das mesmas. Ainda no claustro, porém próximo ao altar-mor são observadas duas lápides nesse ponto os estudantes foram indagados do porquê de qual sentido teria de se enterrar dentro da igreja e suas possíveis significações.

No último espaço explorado numa sala onde são guardadas a imagem de Nosso Senhor morto, o andor e alguns ex-votos foram destacados. Nessa sala optamos em explorar o significado das imagens para a igreja católica e problematizar a questão étnico/racial do Cristo histórico: seria eles mesmo branco? A pergunta foi seguida de uma explanação de construção de imaginário e representações a partir da força artística presente no contexto da Europa Renascentista. Ainda nesse espaço há um vitral, nele a imagem de Cristo uma vez mais é destacada e nela pudemos fazer a comparação com a imagem de ‘gesso’: são iguais, diferentes? Assim como também destacar a importância e o significado do uso dos vitrais em igrejas. Nesse momento um personagem da nossa literatura foi mencionado, na peça e filme Alto da Compadecida escrita por Ariano Suassuna o Cristo que aparece na obra é negro, será que foi apenas uma brincadeira ou uma provocação histórica do autor? Essa questão foi posta em debate para os estudantes refletirem sobre o tema da construção das representações históricas. Último elemento explorado no espaço dessa sala foram alguns ex-votos dispostos em uma pequena estante, os objetivos, os materiais e os significados foram explorados.

Tendo em vista o público alvo atingido pela aula como método de avaliação optamos em solicitar relatório de visita do campo a partir de alguns critérios estabelecidos. Como entre as turmas que compuseram esse momento foi do 6º ao 9º ano e algumas delas apresentavam particularidades bem específicas, como ter em sua maioria duas turmas do sexto ano estudantes ainda no processo de alfabetização a ideia foi trabalhar a oralidade em sala apresentando imagens colhidas no local e solicitando a intervenção do estudante: quem lembra dessa imagem? O que ela significa? Nessa mesma turma foi solicitado que os alunos fizessem um relatório através de imagens, no apanhado geral dos trabalhos apresentados ficou evidente como aprendizado eles terem desenhado a igreja no alto, o arco no formato romano apareceu em todos os desenhos e, sobretudo, o parreiral, para eles foi uma novidade conhecer “o pé de uva”, como

eles disseram repetidas vezes. As turmas dos 8º e 9º tiveram outras metodologias de trabalhos, apresentaram uma exposição fotográfica colhidas no momento da visita e apresentaram um seminário temático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo de história tendo como metodologia a educação patrimonial possibilitou um novo olhar para aquele espaço em específico, um igreja e convento. Mais do que isso, possibilitou problematizar o espaço como lugar de memória e esquecimentos assim como o conceito de patrimônio e sua preservação. Como foram todas as turmas da escola que visitaram o espaço e de anos diferenciados com turma se expressou de um modo.

O formato das avaliações possibilitou a construção de narrativas apresentadas nos relatórios, nos desenhos, na exposição fotográfica e no seminário apontaram para uma compreensão mais ampla do significado que os estudantes apresentavam acerca do que é patrimônio, assim como a ressignificação daquele espaço que a partir dessa nova leitura possibilitada pela aula extraclasse uma nova visão da igreja e conventos com suas histórias, memórias agora mais vivas e com sentido.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Walmilson do. **O CURRÍCULO DE HISTÓRIA E O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO CULTURAL DE ESTUDANTES NEGROS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. 2018.** 101 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

BEZERRA, Jorge Luís de Medeiros. **EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA. 2016.** 122 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Tocantins, Palmas, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, Distrito Federal, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: abr. 2019.

HORTA, Maria de Lourdes P; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Q. **Guia Básico de educação Patrimonial.** Brasília: instituto do patrimônio Histórico e artístico nacional, museu imperial, 1999.

SOUZA, Rita de Cássia Louback de. **A história local e as suas abordagens nas salas de aula da rede municipal de educação de Nova Friburgo.** 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. **Instituto do Patrimônio Artístico Nacional.** Disponível in <:
<http://portal.iphan.gov.br/>> Acesso em: 20 de abr. de 2019.

ⁱ A igreja e convento de Santo Antônio foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como mecanismo de preservação desse rico acervo ainda nas primeiras décadas do século XX. O decreto de número 3 de 21/03/1938.